

BRINCADEIRAS DE RUA. BRINCA QUEM TEM RUA!

Mirian corrêa kobb fernando

A criança na educação infantil encontra-se na fase do jogo simbólico e faz largo uso de seus sentidos para enriquecer suas experiências. Nesta fase, as brincadeiras fornecerão ricas oportunidades para o seu desenvolvimento. Quando as habilidades infantis são estimuladas, ajudam no processo de aprendizagem, pois desenvolvem a percepção e a imaginação - recursos indispensáveis para a compreensão de outras áreas do conhecimento humano. Estabelecendo sempre, um diálogo entre todos os participantes da turma – na qual é uma questão fundamental para que haja uma comunicação ampla que será aprimorada, desenvolvida, trabalhada, estimulada, e praticada com constância para que a criança tenha o máximo desempenho de sua capacidade motora e cognitiva.

A criança trabalha com as mãos, pés, olhos, boca... corpo, aprendendo e apreendendo o mundo; vê através delas, manipulando e modificando, destruindo e construindo, observando, mas sobretudo criando. Através das atividades lúdicas a criança consegue exteriorizar-se; entretanto, também se torna necessário mostrar-lhe alternativas, perspectivas e concepções, na qual compete ao professor a estimulação da criança, em todos os movimentos e sentidos visuais e perceptivos, pois sua sensibilidade e criatividade serão privilegiadas.: as brincadeiras como coautoras da nossa sociedade - ampliando, assim, sua visão de possibilidades, na experiência entre o real e o imaginário, do comparativo e do demonstrativo da realidade humana.

Projeto realizado no CEU Cei Paz, localizado no Jardim Paraná, Zona norte de São Paulo, no período de outubro e novembro de 2013. Com os alunos do MG-2 F com idades 3 a 4 anos. Em conformidade com a proposta do PEA em trabalharmos com as múltiplas linguagens de acordo com as orientações curriculares do Município de São Paulo “Experiência de exploração da linguagem corporal”

O tema foi ampliado na proposta de trabalho com jogos e brincadeiras de rua. Durante o mapeamento os alunos foram instigados a relatar suas vivências familiares com as brincadeiras de rua. O resultado foi que mais de 90% das crianças não conheciam ou até mesmo brincavam na rua com outras crianças.

Em busca de aprofundarmos o tema realizamos uma pesquisa com os pais dos alunos sobre as brincadeiras que fizeram parte da sua infância. Descobrimos que as brincadeiras de rua são regionalizadas. Copilamos as respostas:

- 90% das crianças não brincavam na rua,
- 95% desconheciam que seus pais brincaram quando criança,
- 100% nunca brincaram com seus pais de brincadeiras de rua.
- 1% dos alunos os familiares eram da região sul do país,
- 15% dos alunos tinham parentes na região nordeste do Brasil,
- 100% dos pais brincavam na rua. Explicitaram as mesmas durante a pesquisa.

Observamos que uma mesma estrutura de brincadeira variava de nome dependendo da região.

Após o reconhecimento do patrimônio cultural da nossa comunidade escolar, passamos a estruturar nossa prática pedagógica de acordo com o acervo de brincadeiras de rua que os pais dos alunos brincavam. Um novo item foi acrescido a nossa proposta quando uma mãe nordestina veio participar da nossa roda de passa anel com uma música diferente. A letra foi compartilhada com a turma. As crianças trabalharam outras linguagens, como a musical, pois algumas dessas brincadeiras como Ciranda, Cirandinha são cantadas.

Assim pudemos observar que brincadeiras de rua propiciam o desenvolvimento da imaginação, o espírito de colaboração, a socialização e ajudam a criança a compreender melhor o mundo. Eles acabam se exercitando afinal, a cada nova brincadeira aprendida treina-se equilíbrio, agilidade e velocidade.

Nossas atividades foram realizadas dentro dos espaços do CEI Paz. Mas ao olhar o entorno percebemos que a estrutura das moradias não dispunha de quintal ou mesmo rua e calçada para realização das mesmas. Em uma conversa com a gestão do CEU ficou acordado que as estruturas do CEU estariam à disposição da população escolar nos finais de semana para a pratica dessas e outras atividades. Assim compreendemos que a proposta foi positiva uma vez que a comunidade escolar demonstrou interesse e participação ativa e efetiva.

Existe uma grande quantidade de brincadeiras de rua conhecidas que fizeram e ainda fazem a alegria de muitas crianças brasileiras: queimado, barra-bandeira, cabo-de-guerra, bola de gude, esconde-esconde, boca-de-forno, tá pronto seu lobo?, Academia ou amarelinha, esconde/esconde, adedonha ou stop, quebra-panela, passa anel entre tantas outras.

Visando contribuir para o registro da memória desses jogos e brincadeiras populares, apresenta-se, a seguir, um pequeno resumo com informações as que desenvolvemos com nossos alunos durante a realização do projeto “Brincadeiras de rua”.



Figura 1 - Roda de conversa sobre as brincadeiras de rua

1.1 CABO-DE-GUERRA – REGIÃO SUDESTE

Os participantes são divididos em dois grupos, com o mesmo número de crianças. Cada grupo segura um lado de uma corda, estabelecendo-se uma divisão na sua metade, de forma a permitir que cada grupo fique com o mesmo tamanho de corda. É dado o sinal do início do jogo e cada grupo começa a puxar a corda para o seu lado. O vencedor é aquele que durante o tempo estipulado (um ou dois minutos) conseguir puxar mais a corda para o seu lado.



Figura 2 - Crianças brincando de “Cabo de Guerra”

1.2 AMARELINHA/ACADEMIA – Região Sudeste

Desse jogo pode participar qualquer número de crianças. Risca-se no chão, com carvão, giz, ou se for na areia, com um pedaço de pau ou telha, uma figura que parece um boneco com uma perna só, de braços abertos, ou um avião, como também é conhecido em algumas partes do Brasil. As quadras da academia terminam com o céu (um círculo). São mais sete casas numeradas. A criança que gritar antes a palavra PRIMEIRA inicia o jogo e a ordem de quem vai jogar vai sendo gritada pelas outras crianças, sucessivamente. A brincadeira consiste em jogar uma pedra na primeira casa e ir pulando com um pé só e com as mãos na cintura todo o desenho, indo e voltando, evitando-se pisar na casa onde está a pedra e pegando-a na volta. Joga-se a pedra na segunda casa e assim sucessivamente até o céu (círculo). A pedra jogada tem que parar dentro do espaço delimitado de cada quadra ou casa. Ganha o jogo quem conseguir chegar ao céu, sem errar, ou seja colocando a pedra no local correto, em todas as casas, fazendo todo o trajeto sem colocar os dois pés ou pisar na linha do desenho. Pode-se também fazer todo o trajeto sem jogar a pedra, levando-a em cima do peito de um dos pés ou de uma das mãos, sem deixá-la cair. Quem errar espera a próxima jogada e recomeça de onde parou. Há ainda outra etapa, onde se joga a pedra de costas e se acertar uma casa, passa a ser seu proprietário. Ali, nenhum dos adversários poderá mais pisar. Ganha quem tiver o maior número de “casas próprias”

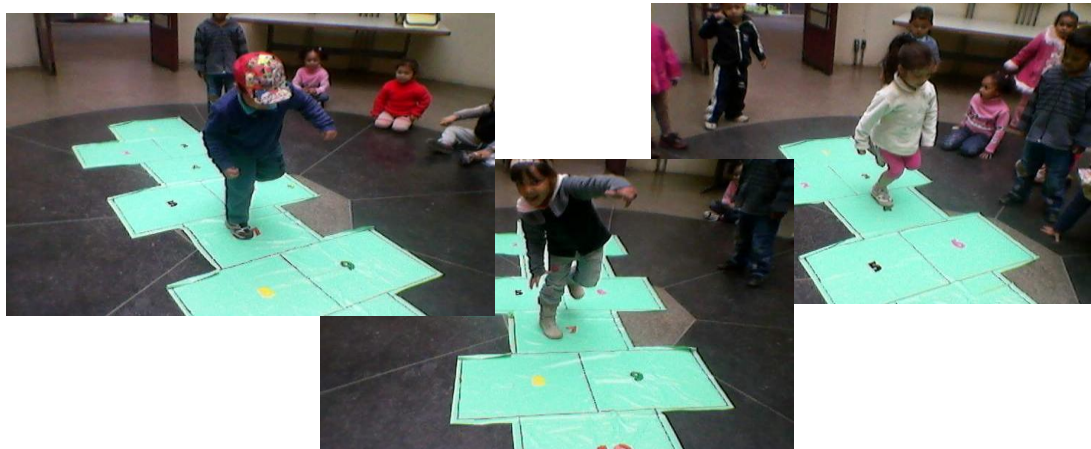


Figura 3 - Crianças brincando de pular amarelinha, posteriormente os alunos utilizaram os arcos da ginástica rítmica para pular amarelinha.

1.3 PASSA ANEL – REGIÃO NORDESTE

1.3.1 COMO BRINCAR

Com as duas palmas das mãos unidas, uma das crianças segura um anel. As demais ficam sentadas em um banco, uma ao lado da outra, com os braços estendidos e as mãos na mesma posição. A criança que está com o anel passa suas mãos por dentro das mãos das outras e deixa o objeto com um dos participantes, sem que os outros percebam. Depois de mostrar as mãos vazias, ela pergunta a alguém com quem está o anel. Se a pessoa acertar, vira o passador de anel. Se não, a brincadeira segue com o mesmo passador até que alguém acerte. Durante a atividade, pode-se cantar a música, abaixo:

Letra da música (letra ensinada aos alunos pela mãe nordestina)

Perdi meu anel no mar
 Não pude mais encontrar
 E o mar me trouxe a concha
 De presente para me dar
 Foi parar na goela da baleia
 Ou então no dedo da sereia
 Ou quem sabe um pescador
 Encontrou o anel
 E deu pro seu amor



Figura 4 - Alunos brincando de passa-Anel. Posteriormente fizeram anel com massa de modelar, e colocaram no castelo como um tesouro escondido.

2. BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Luis Antonio. Brincadeiras de rua, um repertório ameaçado. Recife: Fundaj . Inpsoc. Centro de Estudos Folclóricos, 1987. (Folclore, n. 185).

CHACON, Dulce. A criança e o jogo: estudo psicossocial do comportamento lúdico da criança do Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1959.

GASPAR, Lúcia; BARBOSA, Virgínia. Jogos e brincadeiras infantis populares. **Pesquisa Escolar Online**,

Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: dia mês ano. Ex: 6 ago. 2009.

[http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/brincadeiras-regionais - 700299.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/brincadeiras-regionais-700299.shtml) acesso em 28/10/2013.

Percursos de aprendizagem: Jogar e brincar – A Rede em rede: a formação continuada na Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/DOT, 2011.